

**A ORALIDADE E A ESCRITA NA SOCIEDADE ASTECA:
EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E PODER**

Felipe Evandro Martins Silva

RESUMO

Esse artigo tem como finalidade mostrar a importância da oralidade e a relação que a sociedade asteca desenvolveu com a escrita. Partindo de uma perspectiva que procura mostrar os astecas para além do estereótipo de uma sociedade estritamente militar e sanguinária. Portanto pensar como uma sociedade de guerreiros pode demonstrar tanto apego as artes e a poesia.

Palavras-chave: Escrita; Oralidade; Asteca.

INTRODUÇÃO

Os astecas merecem figurar entre os grandes narradores da História Humana.¹

Este trabalho tem como objetivo pensar a relação que a sociedade asteca desenvolveu com a palavra, englobando um estudo sobre a poesia, literatura, a importância que os astecas dispensaram aos contos sobre seus deuses e ancestrais e determinadas características da escrita desenvolvida pelos astecas e a forma como esta foi utilizada como registro de importantes acontecimentos.

Estudar esses aspectos do cotidiano dos astecas faz parte de uma perspectiva que problematiza uma reputação que foi atribuída aos astecas onde estes foram colocados principalmente como guerreiros sanguinários. Isso reduziu toda a complexidade que a sociedade asteca apresenta quando se busca um outro foco para seu estudo.

Portanto a nossa proposta é trabalhar com essa complexidade da sociedade asteca, ou seja, uma sociedade que desenvolveu um forte aspecto militar e um incrível respeito para com a natureza e as artes e uma admiração sem igual, dentre as sociedades pré – colombianas, pela palavra e por aqueles que a dominam. “Os poetas se incluíam

entre as figuras mais respeitáveis da sociedade, e não hesitavam em citar a si mesmos em suas obras”.²

São vários os aspectos da sociedade asteca que apontam para um estudo baseado nas contradições que essa sociedade apresenta. Estudar a relação desses com a poesia e a literatura é apenas um desses caminhos.

A ESCRITA ASTECA

As fontes que tratam sobre uma escrita asteca demonstram como essa sociedade teve sua identidade transformada a partir do contato com os espanhóis. Os astecas desenvolveram uma escrita própria pictográfica, mas alguns autores colocam que o fato dos astecas terem, logo após a conquista espanhola, se convertido ao catolicismo e aprendido o alfabeto latino isso possibilitou um melhor registro de seus poemas.

Alguns autores, como Jean Marcilly, colocam que a escrita asteca não reproduziu a beleza do seu vocabulário, o nauatle, que significa ‘discurso elegante’, mesmo assim os astecas deixaram diversos livros escritos numa espécie de papel, o amalt, que era produzido a partir de cascas de árvores que eram postas a macerar e a secar.

O antropólogo Miguel León – Portilla ao falar da literatura asteca, chama a atenção ao fato de que muito da memória sobre o sistema educativo desenvolvido pelos astecas, além de seus códices e diversos livros foram destruídos pelos conquistadores espanhóis.

Porém, alguns missionários evangelizadores que estiveram no território asteca no século XVI, entre eles se destacam frei Bernardino de Sahagún e frei Jerônimo de Mendieta, esses missionários retrataram diversos aspectos da sociedade asteca desde suas crenças religiosas, como também seus livros e suas tradições ritualísticas.

Apesar de muito do que se sabe sobre o caráter literário da escrita asteca se deve ao trabalho desses missionários, Miguel Leon-Portilla atenta para uma escrita pré-hispânica produzida pelos antigos mexicanos. Entre esses manuscritos estão; ‘os textos dos informantes de Sahagún (Códices Matritense e Florentino), a coleção de Cantos

mexicanos da Biblioteca Nacional do México, o sermão dos velhos ou Huehuetlatolli, vários deles na Biblioteca Nacional de Paris, os Anais de Cuauhtitlan, a história tolteca chichimeca, da Coleção de cantos que se conserva na Universidade de Texas, etc'.³

A ORALIDADE NA EDUCAÇÃO DOS ASTECAS

A educação representava para os Astecas um fator muito importante sendo oferecida aos seus cidadãos ainda na infância em torno dos quatro anos de idade, onde eram contemplados cantos e danças cerimoniais, história e crenças religiosas. A educação era um papel do estado e estava diretamente ligado a dois aspectos; a vivência cotidiana dos astecas através dos ensinamentos que eram transmitidos de geração em geração e a educação que os astecas recebiam nos locais específicos para tal prática, mas a oralidade está presente em quaisquer desses aspectos.

Havia uma divisão no que diz respeito aos lugares destinados à educação dos astecas; os cuicacalli, ou 'casas de canto' que aceitavam tanto crianças plebéias como nobres e outros estabelecimentos, os calmeac, destinados principalmente a crianças nobres e que podiam receber filhos de comerciantes. Nas calmeac os jovens aprendiam além de assuntos ligados à espiritualidade, também era ensinado a decifrar a escrita asteca, para que os códices fossem consultados.

Esses códices escritos com a almat são encarados por alguns especialistas, como a principal referência para que os fatos e o conhecimento acerca de assuntos como direito, arte militar e outras questões de interesse público não se percam. Esses conhecimentos eram também estabelecidos oralmente, pois já nessa fase da educação dos jovens astecas era muito importante aprender a arte de narrar. Mesmo nas 'telpochcalli', escolas onde eram destinados jovens plebeus que formariam uma nova geração de guerreiros, o talento para a oratória não era dispensado, sendo que para aqueles que freqüentavam as telpochcalli, a maneira de falar era um aspecto ligado ao aprendizado de bons comportamentos.

Nessa Telpochcalli, onde os jovens recebiam principalmente ensinamentos militares, determinados aspectos que possam parecer dispensáveis a uma educação, que a priori, pareça exclusivamente militar e rude, mas que não dispensou os ensinamentos

ligados à religiosidade, música, cantos e narrativas históricas. Portanto, as narrativas históricas se constituem em uma importante característica da sociedade asteca.

Qualquer fato considerado importante na vida dos astecas dava pretexto para expor seu talento para a oratória. Dominar a arte da oralidade significava muito para os astecas, pois, a oralidade está ligada ao seu cotidiano, seja exercendo funções públicas ou privadas era exigido um amplo domínio da retórica para que os grandes fatos históricos, geralmente ligados a narrativas onde seus deuses e ancestrais tornam-se heróis, sejam transmitidos de geração em geração.

Sobre o exercício da oratória entre os astecas é mostrado no texto “Aspecto Amável do Mundo Asteca” que não eram nada monótonos, muito pelo contrário, essas narrativas históricas encontravam ressonância entre as diferentes camadas sociais da sociedade. Através de torneios os astecas se reuniam para acompanhar as narrativas sobre seu passado.

O público ia prazerosamente a esses ‘torneios de eloquência’, durante os quais os oradores, homens e mulheres nobres, exibiam seu talento para a palavra, com o uso engenhoso de metáforas.⁴

Mesmo quando um determinado líder tinha seu poder assegurado pela força militar, a habilidade como orador era indispensável para o exercício do poder, portanto as autoridades tinham no exercício da palavra um meio indispensável de assegurar o seu poder.

POETAS E POEMAS

Os astecas desenvolveram aspectos bastante marcantes que estão presentes desde seu aspecto militar que foi indispensável para sua existência, os astecas também desenvolveram uma admiração pelas artes onde a poesia se destacava como a arte suprema.

Nobres e até mesmo os soberanos praticavam a arte da poesia destacando alguns poemas de Nezahualcóyotl, príncipe de Texcoco, permaneceram valorizados pela sua beleza e assim ainda eram declamados após sua morte.

(...) outrora corpos animados de homens(...)
Comandavam os exércitos, conquistavam as
Províncias, possuíam os tesouros, saqueavam
os templos. Exultavam no seu orgulho, sua
majestade, sua fortuna, sua glória e seu poder.
Elas são esvanecidas, estas glórias, como as
Terríveis fumaças vomitadas pelos fogos
infernais do Papocatépetl. Nada, salvo algumas
linhas de uma página, para as fazer voltar
à nossa lembrança.⁵

Os poemas declamados geralmente em rítmica musical podiam ser declamados em grandes festas. Para compor o tema de seus poemas os astecas preferiam falar do sofrimento do artista.

O poeta asteca também se colocava como um missionário:
Eu, o cantor, criei um poema.
Poli, como a esmeralda preciosa.
Como a esmeralda brilhante, resplandecente.
Adapto-me às modulações.
Da vez harmoniosa do tzinitzan...
Como a tímida das campainhas,
O tímido das campainhas de ouro...
Assim eu canto minha canção perfumada.
Semelhante a uma jóia polida,
A uma turquesa brilhante, a uma esmeralda,
radiosa,
Meu hino que floriu na primavera.⁶

Através dos poemas os astecas também registraram a conquista de seu território por parte dos espanhóis sendo que, muitos desses poemas foram traduzidos do nauatle para o latim, possibilitando a sua compreensão.

A MEMÓRIA DAS LUTAS CONTRA OS ESPANHÓIS

Ao estudar a civilização asteca, seja a sua literatura e a sua poesia, um fator crucial que aparece nesse estudo é o do registro por parte dos astecas das lutas contra os espanhóis. Miguel Leon-Portilla rompe com uma visão de história do século XIX, que

privilegiou por muito tempo a idéia de que os colonizadores espanhóis e portugueses estariam levando a civilização aos ‘bárbaros’ indígenas. Uma visão linear da história onde todos esses acontecimentos relacionados à colonização da América, fazem parte de um caminho que a história trilha até um determinado fim, ou seja, o progresso.

Os historiadores têm se preocupado cada vez mais em romper com idéias de “descobrimento” da América, pois além de ser uma expressão anacrônica e eurocêntrica, essa expressão representa um desrespeito para com as sociedades que aqui já estavam estabelecidas.

Miguel Leon-Portilla no seu livro *A Visão dos Vencidos – A Tragédia da Conquista Narrada pelos Astecas* mostra as diversas formas que os astecas registraram o choque contra os espanhóis. Muito desses registros estavam ligados a pinturas e à poesia que como já foi dito era a arte suprema para os astecas.

Agora, os astecas se apegam à palavra para registrar sua dor e melancolia diante dos fatos que ocorreram com os espanhóis. Cantos, poesias, narrativas agora registram não mais os feitos dos deuses e ancestrais astecas ou são declamados em festas.

A conversão dos astecas ao catolicismo e o aprendizado do latim, como já foi citado, possibilitou o registro desses documentos. Além de fontes escritas há também registros sob a forma de pinturas pictográficas que Miguel Leon-Portilla vai colocar como uma das maneiras que os povos indígenas escreviam sua história. Entre essas pinturas o autor cita o *Lienzo de Tlaxcala*, do século XVI, que oferece em oitenta quadros o relato dos tlaxcaltecas, que são apontados pelo autor como aliados dos espanhóis. Há outros relatos, como o Manuscrito de 1576, conhecido também como Códice Aubin, com textos e gravuras. Há também manuscrito indígena, conhecido como Códice Ramirez.

É importante citar algumas estrofes das elegias, ou canto triste, *Incnuícatl*, que mostram um pouco de como os índios externaram o seu sentimento perante a destruição de seu mundo.

Nos caminhos jazem lanças quebradas,
Os cabelos estão espalhados.

Destelhadas estão as casas,
Ensangüentados têm seus muros.

Vermes pululam por ruas e praças,
E as paredes estão salpicadas de milos.
Vermelhas estão as águas, como se fossem tingidas,
E quando as bebemos,
É como se bebêssemos água de salitre.

Batíamos, insistentemente, nos muros de adobe,
E era nossa herança uma rede de buracos.
Os escudos foram a sua proteção.
Mas nem com os escudos pôde ser impedida a solidão[...] ⁷

Essas estrofes são relatos dos últimos dias de Tenochtitlan, e mostram o tom extremamente melancólico dos povos nativos davam aos registros dos acontecimentos que representaram à perda de suas terras e sua identidade.

Outros documentos foram redigidos por autores anônimos que imprimiram sua visão na sua língua, o nahuatle, outros indígenas, antes mesmo da efetivação do projeto de educação indígena estabelecido pelo Colégio de Santa Cruz, esses indígenas aprenderam com perfeição o alfabeto latim e registraram sua memória a cerca de seu passado e sobre a relação com os espanhóis.

Dessa forma, podemos notar que a paixão dos astecas pela palavra possibilitou de diversas formas o registro dos acontecimentos referentes à “conquista” espanhola.

CONCLUSÃO

Mesmo tendo outras sociedades estabelecido de diversas formas algum tipo de relação com uma literatura ou poesia, para os astecas isso foi singular, pois essa relação nos permite olhar um lado mais humano de uma sociedade que muitas vezes é relacionada com rituais sanguinários e guerras constantes.

Por isso que hoje, dentro desse contexto histórico onde a sociedade latino-americana busca cada vez mais mostrar que tem uma história e que essa história não

começa com a chegada dos europeus nessas terras é que todos esses estudos sobre as civilizações pré-colombianas ganham cada vez mais força.

Mostrar que os astecas constituíram uma civilização recheada de contradições e extremamente rica e com características sublimes. Jogar um novo olhar sobre o mundo dos astecas, ou “escovar a história a contrapelo”⁸ como tanto quis Walter Benjamin.

NOTAS

¹“ *O aspecto amável do mundo asteca*” In *Civilizações Perdidas*, Rio de Janeiro, 1998, p. 126.

² *Ibidem*.

³ LÉON-PORTILLA, Miguel – *A visão dos vencidos*. A tragédia narrada pelos astecas. Porto Alegre, LPM, Editores, 1985, p. 171.

⁴ *Ibidem*.

⁶ MARCILLY, Jean. *A Civilização dos Astecas*. Otto Pierre Editores, 1978. Rio de Janeiro.

⁷ Cantos tristes de 1523, presente na coleção *Cantares Mexicanos*. Oficina tipográfica da secretaria do fomento, México, 1940. e em LÉON-PORTILLA, Miguel. Op. Cit.

⁸ BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In. *Obras Escolhidas I*, Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo, Brasiliense, 1995.